



Cinema

Ano 1º
1968-77

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço
1,00

Na Capa: — Marlene Dietrich, principal intérprete do filme «Fatalidade» («X-27»)

Redactores:

João Santos e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bom Jardim, 436-3.
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem., 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

Acordou Matahi. Explicou-lhe que tivera um sonho. Uma voz celestes ordenava que voltassem ambos para Bora-Bora.

E ali, — terrível momento! — separar-se-iam. Reri iria até ao fim do calvário; não se foge ao tabú! Mas pelo menos tinha a certeza de haver dado ao amante o melhor de si-mesma. E, na sua misteriosa solidão, seria sempre a sombra querida do amado que a iria visitar nas horas de desgosto...

Coisa estranha! Matahi aceitou logo a proposta. Sem dúvida, sentia pela jovem um amor sempre igual. Mas nele tinha-se produzido um trabalho obscuro e paralelo. Sentia confusamente que nunca mais poderiam ser felizes. Tinha-se erguido uma barreira. E, mesmo nas horas das suas mais delicadas intimidades, parecia-lhe ver sempre, inclinada por cima dele, a face zombeteira dum demónio, que ora tinha feições horríveis, ora a aparência espectral dum Hitú magro e escarninho.

Matahi consentiu, pois, em voltar para a terra natal e submeter-se aos juizes, se tivesse de sofrer alguma punição. E também a perder aquela que estremeia, se «aqueles que governam o mundo» a reclamassem ainda. No fundo do seu coração infantil, esperava — sabia lá o quê! — que Hitú lhe viesse dizer: «O oráculo reclamou outra. Abandono-vos aos vossos remorsos... ou qualquer outro milagre! Mas estava cansado daquela atmosfera pesada, daquele exílio, daquele trabalho esgotante, em que se aneniavam a sua liberdade e a sua juventude! Parecia que todas estas inquietações estavam suspensas como uma espada sobre a sua cabeça, e não podia resistir-lhes. Cada dia que passava aumentava o seu desânimo.

Prometeu, pois, a Reri, empregar todos os esforços para pagar duas passagens a bordo dum navio que fizesse paragem em Bora-Bora; e, com esta promessa, os amantes adormeceram.

Pela primeira vez, depois que tinham abandonado os seus, saboreavam uma noite de verdadeiro descanso e de alma tranqüila.

No entanto Reri, em sua mão fechada, — sonho banhado de instintivas lágrimas —, conservava ainda, enrolada, a inquietadora mensagem do terrível feiticeiro.

CAPÍTULO IV

No dia seguinte, Matahi foi perguntar ao secretário da companhia de navega-

Narração Cinematográfica de F. W. Murnau e R. J. Flaherty

“Tabu”

Apresentada pela
“Paramount”

10 — (Continuação)

— Não quero saber disso. A importância é evidentemente muito elevada. Mas que quer, Matahi? Foi

porque o apreciavam, porque as suas qualidades de mergulhador saíam fóra do vulgar, que lhe fizeram esse contrato! Só um facto subsiste: você pôr o seu nome — representado por uma cruz — no fundo do papel.

«Se voltar para Bora-Bora sem liquidar a sua dívida, a força armada irá buscá-lo entre os seus. Devia ter pensado, pedido explicações antes de assinar: ninguém lhe forçou a mão...»

«No entanto, a mim só me fica a dever trezentos dólares... E' mais suave! Ao dizer aquilo, o chinês estendeu as mãos para o maço de notas de Banco e fez desaparecer no bolso da vestimenta bordada todas as economias do desgraçado.

De cabeça baixa, vencido pela sorte, Matahi voltou para a cabana a passos pesados. Que diria a sua bem-amada quando o visse regressar sem um chave e sem os bilhetes de passagem?

Reri, que preparava a refeição da noite, ao vê-lo pálido e abatido, adivinhou logo o que se tinha passado. A pobre rapariga não teve a coragem de fazer a menor censura àquele que amava, mas curvou mais a cabeça, esmagada também por um destino injusto.

Para ela, a questão não tinha o mesmo ardor doloroso. Porque em Bora-Bora Reri devia abandonar Matahi; all conservava-o. A nobre pequena não queria, porem, deter-se no egoísmo duma solução perigosa. E o seu partido estava tomado: havia de salvar Matahi, perdendo-se embora a si-mesma...

Simplesmente, seguindo Hitú para salvar o filho do chefe, Reri não queria deixar Matahi naquela terra inhospitaleira...

Para que Matahi pudesse curar a chaga que se ia abrir em seu coração, tinha de se juntar aos seus. Em Bora-Bora, estaria salvo, viveria!

Resolvida, pois, pelo que lhe dizia respeito, a fazer o sublime sacrifício, tinha de insistir com Matahi para que se desligasse do compromisso, pagando a soma combinada. Quando soubesse que o seu amante estava livre para abandonar a ilha, poderla — num generoso transporte de todo o seu ser, oferecer-se em holocausto.

Resolvida, pois, pelo que lhe dizia respeito, a fazer o sublime sacrifício, tinha de insistir com Matahi para que se desligasse do compromisso, pagando a soma combinada. Quando soubesse que o seu amante estava livre para abandonar a ilha, poderla — num generoso transporte de todo o seu ser, oferecer-se em holocausto.

Resolvida, pois, pelo que lhe dizia respeito, a fazer o sublime sacrifício, tinha de insistir com Matahi para que se desligasse do compromisso, pagando a soma combinada. Quando soubesse que o seu amante estava livre para abandonar a ilha, poderla — num generoso transporte de todo o seu ser, oferecer-se em holocausto.

Resolvida, pois, pelo que lhe dizia respeito, a fazer o sublime sacrifício, tinha de insistir com Matahi para que se desligasse do compromisso, pagando a soma combinada. Quando soubesse que o seu amante estava livre para abandonar a ilha, poderla — num generoso transporte de todo o seu ser, oferecer-se em holocausto.

Resolvida, pois, pelo que lhe dizia respeito, a fazer o sublime sacrifício, tinha de insistir com Matahi para que se desligasse do compromisso, pagando a soma combinada. Quando soubesse que o seu amante estava livre para abandonar a ilha, poderla — num generoso transporte de todo o seu ser, oferecer-se em holocausto.

Resolvida, pois, pelo que lhe dizia respeito, a fazer o sublime sacrifício, tinha de insistir com Matahi para que se desligasse do compromisso, pagando a soma combinada. Quando soubesse que o seu amante estava livre para abandonar a ilha, poderla — num generoso transporte de todo o seu ser, oferecer-se em holocausto.

Resolvida, pois, pelo que lhe dizia respeito, a fazer o sublime sacrifício, tinha de insistir com Matahi para que se desligasse do compromisso, pagando a soma combinada. Quando soubesse que o seu amante estava livre para abandonar a ilha, poderla — num generoso transporte de todo o seu ser, oferecer-se em holocausto.

(Continua).



Maurice Chevalier e Claudette Colbert, em "tête-à-tête", numa cena de "O Tenente Sedutor"

O Cantinho dum Cinéfilo

Estreou-se ha dias, no «Agua d'Ouro», o «Século Cinematográfico» n.º 5. Uma semana depois, o n.º 4. Na próxima terça-feira estreia o «Trindade» o n.º 3.

Esta marcha de caranguejo na exhibição dos jornais de actualidades «O Século Cinematográfico» não obedece, supponho, a nenhum propósito, a nenhum critério estabelecido. E', antes, em meu entender, consequência dum deficiente serviço de distribuição que a «O Século» compete regular.

Ha dois sistemas: ou «O Século» entrega a distribuição dos seus jornais cinematográficos a uma única casa alugada de filmes (neste caso, sujeitando-se a que alguns não sejam exibidos com a desejada oportunidade, porque nem todas as semanas são passados programas de todas as casas, mas conseguindo, pelo menos, a apresentação dos jornais cinematográficos pela ordem de produção, como é lógico), ou faz um contrato directo com um único cinema em cada cidade, para a exhibição de todos os jornais.

Como até agora, apresentando um por intermédio da casa A, outro por intermédio da casa B, outro por exploração directa, é que não póde ser, porque dá o resultado que se está verificando: primeiro o n.º 5, depois o n.º 4, a seguir o n.º 3, e, para mais tarde, por certo, o n.º 2 e o n.º 1...

Já aqui falei, ha tempos, da qualidade inferior da maior parte das legendas sonoras feitas em alguns laboratórios portugueses. Mas preciso de voltar agora a este desagradável assunto.

São exibidos presentemente, no Porto, os filmes «Anny na Alta Roda» e «A Princesa Encantadora», com legendas feitas em Portugal. Pois ha tamanha diferença de som entre essas legendas e as imagens onde estão intercaladas, que, ou os operadores, se não são cuidadosos, deixam correr o marfim, e o espectador sofre um choque brusco com o desnivelamento de som enquanto passa a legenda, ou, se temem gosto no seu trabalho e sabem cumprir o seu dever, temem de estar agarrados ao fader, baixando e subindo continuamente, atentos às legendas, procurando, tanto quanto possível (e muitas vezes sem resultado), remediar uma falta que aos laboratórios cumpria evitar.

Ha pouco, quando se passou o filme «Ruas da Cidade», gravado pelo *noiseless system*, a casa distribuidora teve neces-

sidade de substituir duas ou três legendas das que vinham sobrepostas na pelicula, porque estavam redigidas em mau português. E em todo o filme, maravilha de gravação, de ruídos parasitários só se ouviam os que pertenciam às duas ou três legendas feitas entre nós.

Aqui, tiveram os nossos laboratórios boa desculpa: a falta da aparelhagem técnica com as patentes W. E. para o *noiseless system* — e essa, me parece, só a «Paramount» possui, por enquanto.

Mas, pergunto eu: não seria preferível deixar passar essas duas ou três legendas com deficiências de português, a prejudicar a unidade estética da pelicula?

■ ■ ■

E ainda Leitão de Barros, ha dias, no «Noticias Ilustrado», a propósito do cinema educativo, se mostrou contrário a que se enviassem os nossos operadores para o estrangeiro, aprender junto dos que sabem, colher praticamente nos bons estúdios e nos bem equipados laboratórios, os conhecimentos que lhes faltam e que aqui difícil ou milagrosamente obteriam!

Não concordo com a facilidade com que se imagina a auto-criação de técnicos portugueses. Temos entre nós grandes inteligências. Temos grandes artistas. Temo-los com alguns conhecimentos. Mas como lhes falta a prática e a continuidade de trabalho que desenvolva essas inteligências, esse sentido artístico e esses conhecimentos, e os transforme, por fim, nos desejados e necessários elementos técnicos, resulta que, se se pretender que os técnicos portugueses se formem nos nossos estúdios, arriscamo-nos a que se comece por produzir ensaios que difficilmente poderão ser apresentados em publico, nunca se conseguindo o desenvolvimento dos técnicos estrangeiros, que tambem progredem dia a dia, desde que com eles os nossos não tenham convlvido, desde que não tenham deles recebido os ensinamentos que os poriam em igualdade de conhecimentos.

O exemplo das legendas é bem frisante.

Ha mais dum ano que se fazem em Portugal legendas sonoras, e ainda aparecem com os defeitos a que me tenho referido.

E na casa portuguesa que melhores legendas sonoras tem apresentado, o chefe dos laboratórios é... francês!

Caía a tarde, uma tarde de inverno, que amontoava sombras nas pregas dos cortinados, alongava silhuetas imprecisas e deformava todas as coisas. O vento do norte sacudia furiosamente as janelas pouco firmes ou tentava introduzir-se por baixo das portas como se procurasse um refúgio, e a sua lamúria interminável subia e descia

Em Holly wood



Ronald Colman, que foi testemunha da mais extraordinária das coincidências

com uma obstinação irri-

tante. No salão, toda a gente se conservava em silêncio.

De súbito, uma das pessoas presentes deixou cair a bolsa de mão. Uma das mulheres soltou um grito abafado.

— Não se põha assim nervosa, — disse Lilyan Tashman, baixando-se para a apanhar —. São os gemidos do vento que a assustam? Isso faz-me lembrar uma história estranha, que me aconteceu ha alguns anos. Uma das minhas amigas tinha comprado uma casa perdida em meio dos campos, ao sul de S. Francisco, e, como seu marido tivesse de se ausentar para negócios, pediu-me que lhe fosse fazer companhia enquanto ele não voltava.

«A casa ficava situada à margem dum barranco, rodeado por uma espessa vegetação tropical, e nenhuma outra habitação se encontrava nas proximidades: causou-me péssima impressão. E a minha intranquillidade aumentou quando, chegada a noite, a criada voltou para casa dela, deixando-nos entregues à nossa solidão. Observei que a minha amiga parecia nervosa, fazendo a cada passo o gesto de quem escuta. Não tardou que um gemido arripante subisse do barranco.

«— Reparaste neste ruído? — exclamou ela, estremecendo —. E' todas as noites a mesma coisa. Já me não é possível suportá-lo.

«Tentei gracejar, mas, quando ouvi passos abafados na parte inhabitada da casa, senti que um suor frio me banhava as fontes. Os gemidos recomeçaram, recortados com o ruído dos passos. Ambas paralizadas de terror, passamos toda a noite a pé, e, de manhã, a criada encontrou-nos no mesmo sítio, desfiguradas, desvalzadas, segurando eu um relógio na mão.

«— Já vejo que a filha do pastor tornou a fazer das suas — disse a criada.

«E explicou-nos que outrora a outra metade da casa tinha sido ocupada por um pastor protestante, o qual, num acesso de

demência imaginou que devia sacrificar o que tinha de mais caro no mundo, a fim de comprovar a sua devoção para com o Senhor. Introduziu-se, pois, no quarto da filha, estrangulou-a e atirou com ela ao barranco. Toda a noite a desgraçada agonizou; mas os vizinhos, julgando que era o vento que gemia, não se incomodaram. De manhã, descobriram a filha morta e o pai doído furioso.

«Ronald Colman, que estava presente, abanou lentamente a cabeça.

«— Geralmente, não fazemos caso do que parece inexplicável, — disse — e eu mesmo fui tam incrédulo como os outros até o dia em que fui testemunha da mais extraordinária das... digamos coincidências, se assim o quiserem. Jogava o tenis com alguns amigos e o meu parceiro era um mancebo que conheci durante a guerra, e de quem gostava muito. A meio da partida, um dos lados da parede que



Pola Negri também tem alguma coisa que contar sobre espiritismo...

fechava o córte desabou subitamente. Aquilo, em si, nada tinha, afinal, de estranho, mas nós deixamos de jogar. Momentos depois, um mensageiro corria a avisar o meu camarada de que seu irmão fôra electrocutado ao esbarrar com um cabo de alta tensão na fabrica electrica que visitava um dia.

«— Oh! — murmurou Pola Negri, cuja voz flutuou na escuridão —, ha manifestações tam incompreensíveis que, voltando a gente à realidade quotidiana, não se atreve a acreditar nelas e julga ter sonhado. Encontrava-me um dia em Paris, em casa dum amigo que se interessa muito questões de espiritismo e, como uma das senhoras presentes se risse dos fenómenos de materialização, o nosso hospedeiro ofereceu-se para lhe demonstrar os seus dons de medium. Atenuou-

se a luz e êle perguntou-lhe quem desejava que evocasse.

«— Pouco importa, — respondeu ella sorrindo —, qualquer morto.

Pouco depois, uma claridade vaga appareceu por cima do nosso amigo e precisou-se no halo um rosto. A jovem senhora soltou um grito terrível e desabou numa cadeira, sem sentidos. Quando voltou a si, explicou que o rosto era o de seu pai, mas que êle não tinha morrido. Transtornada, porem, com a aparição, correu ao telefone e soube que seu pai acabava de morrer duma embolia. No silêncio que se seguiu, elevou-se uma voz grave que fez estremecer toda a gente.

«— Muitas vezes tenho perguntado a mim mesmo qual será a parte que a imaginação toma nestas aparições que nós qualificamos de sobrenaturais, à falta duma denominação mais justa, — disse Ken Maynard —. Vocês sabem que, antes de fazer cinema, fui *cow-boy* no Estado de Wyoming. Contaram-me um dia que um ladrão de cavalos, tendo sido surpreendido por um grupo de *cow-boys*, tentou fugir-lhes. Começou uma perseguição desesperada; mas, ao ver-se apertado por Joe, um dos *boys*, voltou-se e deu um tiro na sua direcção. Ferido de morte, o mancebo atirou por sua vez e a bala atravessou o chapéu do bandido, que continuou a correr. E corria sangue. Joe perseguiu-o, nivan'o. E, descarregando de novo a arma, caiu morto, enquanto o gatuno rolava por terra, também morto. Depois daquele dia, — disseram-me —, que o seu fantasma galopa num cavalo coberto de espuma e pode ver-se o buraco que a bala deixara ao atravessar-lhe o chapéu. Tempos depois de me contarem esta história, trotava através dos campos, quando, de repente, o meu cavalo se empinou, quasi me derrubando e estacou, todo a tremer. Inclinando-me para ver o que o teria assustado, descobri de repente um estranho cavaleiro, cujo cavalo, branco de espuma, parecia galopar sem tocar no chão. O homem levava na mão um revolyer e um chapéu esburacado aureolava-lhe um rosto exangue e vazio de expressão. Emquanto o



Ken Maynard, que julga ter visto o «cow-boy» fantasma

olhava, e stupefacto, cavaleiro e cavalo desapareceram. Teria sonhado? Teria visto realmente o *cow-boy*-fantasma?

«Mas ninguém no salão lhe respondeu. Alguem acendeu a luz, e Luiz Fazenda propôs que se mudasse de palestra. — GENOVA.

Histórias Es tra nhas

C
I
N
E
M
A
4



Uma pequenina amostra dos encantos que nos trará a comédia musical "Dois Corações a Compasso", falada e cantada em francês, dirigida por Wilhelm Thiele, com Lillian Harvey e Henry Garat. Sim, senhores, com a Lillianzinha e o Garatzinho!...

Do "music-hall" ao "écran" ~ A carreira de Henry Garat

Henry Garat aparecia em certa revista faustosa do «Moulin-Rouge» entre dois sumptuosos desfiles de plumas de diamantes, sorridente e satisfeito, a cantar algumas cançonetas de ritmo vivo e fáceis de aprender...

Os meses foram passando... No firmamento teatral, a pouco e pouco, de-vagar mas com segurança, Henry Garat começara a luzir, a brilhar... Nos cartazes, as letras do seu nome tornavam-se cada vez maiores, — como se estivessem inscritas num balão de borracha que os seus admiradores enchiam de ar... O «Casino de Paris» e o «Moulin Rouge» disputavam os seus serviços...

O cinema ainda não lhe tinha aberto de par em par as suas portas... Era no tempo do mudo... O cinema tinha então as suas estrelas criadas, que defendiam corajosamente o acesso no Santuário a todos os talentos desejosos de se manifestarem...

Henry Garat continuava no teatro... Foi comico, «compère» de revistas, fantasista e cantor de «music-hall» — mudando de vestuário quinze vezes em cada espectáculo...

Vieram os tempos heróicos



Henry Garat e Meg Lemonnier, no filme "Margem Esquerda"

do cinema, a anrora do falado, a loucura, os contratos rápidos, as celebridades efémeras... e a volta ao nada!... E' certo que também houve muitas revelações de talentos novos, — que hoje veem brilhar os seus nomes no firmamento cinematográfico.

Uma destas revelações foi Henry Garat.

Foi o produtor-realizador francês Marcel Vandal que um dia num «music-hall» famoso, descobriu Garat... Vandal procurava um galã para um filme de E.-A. Dupont... Apresentação durante a mudança de dois cenários... E passadas três semanas estava assinado um contrato... Dai a um mês dava-se a primeira volta de manivela... Para dizer a verdade, o seu «début» em «Os dois mundos» não foi dos mais felizes... O papel dramático, austero e frio, que tinha de interpretar ao lado de Marie Glory e do Maxudian não se amoldava ao seu temperamento...

«O Caminho do Paraíso» foi a verdadeira revelação de Henry Garat. Nesta película ligeira e trepidante, com imagens cheias de alegria e de bom humor, Garat encontrava matéria

Correspondência

PAMPLINAS II: — Muito obrigadinho, passei uma Pascoa deliciosa. Quanto às amendoas, é que nem as provei; não houve leitor algum que se lembrasse de mim! O concurso que indica, só poderá realizar-se lá para o fim do ano. O filme «Ben-Hur» sonoro é perfeitamente igual ao silencioso quanto às cenas que apresenta, e não lhe falta nem um bocadinho. O que é feito da «Flor de Liz», «Joaninha», «Lirio Branco», «Glicinia», «Maurice Chevalier II», «Pirla», etc.? Eu sei lá, meu caro! Duas vezes ingratos! Nem me escrevem, nem me mandaram as amendoas!...

CINEMAN: — Há, sim senhor, os números que pede, na Administração. Queira fazer o favor de enviar 1\$00 por cada um e não se esquecer da direcção.

MARIANA: — 1.^a — Mary Astor, já não a vejo ha muito tempo, nem tenho ouvido falar dela. Há poucos meses estava com a «Radio Pictures», 780 Gower Street, Hollywood, Calif. 2.^a — Não está certa a direcção que lhe indicaram, para a Lupe Velez; esteve sim, com a «Columbia», mas actualmente está na «Paramount». 3.^a — Em «O Senhor Director», Marie Glory (ai!), Jean Murat e Armand Bernard.

TREVO DE QUATRO FOLHAS: — Suponho que ainda verá esta época algumas operetas americanas. Quais, é que ainda não lhe posso dizer. Marilyn Miller continua com a «First National», Burbank California. Se o Director ainda é La Planettefillo? Qual quê! Agora é sobretudo Sidneyfillo, não deixando, no entanto, de ter um boa dose de Harveyfillismo. E hemos de concordar que tem uma certa razão!... São dois amoricos!

GAUDENCIO DUARTE CARVALHO: — Recebi a sua carta, mas foi-me

para exprimir livremente os seus dons de fantasista, de cantor, de cómico e até de dançarino.

O filme que sucedeu a este capitoso comprimido de optimismo foi «Flagrante Delito». E a seguir appareceu esse maravilhoso filme «A's Ordens de Vossa Alteza»... Henry Garat foi o official decorativo deste conto «côr-de-rosa», que lhe permitiu encontrar de novo esse pequeno demónio exuberante de graça e de espirito que é a Lilyan Harvey... Henry Garat não pôde esconder a simpatia afectuosa que lhe inspira a sua linda camarada, — e como se sente feliz sempre que a tem por «partenaire»!...

Depois de uma longa temporada na Alemanha, Henry Garat foi de-novo para a França, onde interpretou «Margem Esquerda», e «Delphine», para a «Paramount»... Depois voltou para a Alemanha, onde terminou recentemente «Dois Corações a Compasso», também com Lillian Harvey.

A tetralogia máxima: «O Caminho do Paraíso»... «A's Ordens de Vossa Alteza»... «O Congresso que Dança»... E «Dois Corações a Compasso»... O mesmo par simpático: Lillian Harvey-Henry Garat!...

ANTONIO JORGE.

impossível responder particularmente, e com a urgência que pretendia. Demais, dizer-lhe quantos filmes tem a Lillian Harvey, antes do resultado do concurso da «Imagem», não me parecia lá muito bem...

A-pesar-de que, como se trata de filmes falados, creia que a Lillian Harvey não ganharia, pois appareceu apenas nos seguintes: «O Caminho do Paraíso», «A's Ordens de Vossa Alteza», «O Cruzeiro do Amor», «O Congresso que Dança», e deve estrear-se no sábado, dia em que esta revista é posta à venda, «Dois Corações a Compasso».

O selo de \$10 que mandou, del-o a um pobre'z'inho: foi para o Administrador, que bem precisado anda! E a Caridade bem entendida!...

I LOVE YOU: — Quando recebo estas declarações em francês, apetece-me logo agradecer da mesma forma: Muchas Gracias! Olhe, caríssima leitora, porque é que não me disse isso mais cedo! Agora, como dizia o meu saudoso professor Barboza Gama, «é tarde e Inez é morta!» O kar Karlweiss! Então não o viu ao lado de Anny Ondra em «Mam'zelle Nitouche»? Aparece também em «A Valsa dos Corações», que Lisboa já viu e que o Porto verá ainda esta temporada. Não o vi em mais nenhum filme. Mas fez «Dolly macht Karriere», «Die Firma Heiratet» e um dos papéis da versão alemã de «O Caminho do Paraíso», o que na versão francesa é interpretado pelo Jacques Meury.

Pode escrever-lhe para BERLIM, Dahlem-Podbielskiallee 40, Alemanha. Mas antes, mude o seu pseudónimo para: I Love Oskar Karlweiss.

NORBERTO S. CORREIA: — Não posso dar-lhe satisfação, porque, a-pesar-de saber tudo, de francês, inglês e alemão só sei duas palavras de cada, respectivamente, *oui, oui, yes, yes e ja, ja*. De modo que é impossível «escrever-lhe as cartas naquelas linguas, dirigidas ao Director de cada estúdio, pedindo as fotografias de todas as artistas». Bravo! Isso é que se chama pedir pouco! O' homem, você quando pedir, peça coisa que se veja!

Dei os 1\$50 à Administração, para lhe enviar o brinde. Quanto aos 3\$50 que manda, queira dizer-me o que hei-de fazer deles, porque, em primeiro lugar, não posso encargar-me da compra dos selos americanos; em segundo, porque um só selo de 25 centavos americanos, custa hoje perto de 8\$00.

VIVA A MARLENE: — Diga isso muito a'to, e depois queixe-se, se os admiradores da Greta (e são tantos!...) lhe fizerem uma espera! Vai ser bonito, na próxima semana, cá no Porto: No «Aguia d'Ouro», «Inspiração», com Greta Garbo. No «Trindade», Marlene Dietrich em «Fatalidade» («X-27»). Greta vs. Marlene!

A sua Ela continua trabalhando para a «Paramount», 5451 Marathon St., Hollywood Cal. Não sei se a Marlene manda o retrato. Talvez mande... se o Von Sternberg (ah, más linguas!) estiver bem disposto!

FLOR MURCHA!: — Nada de desanimar! Olhe que o Clive Brook é capaz de apparecer aí, quando menos se esperar. Não digo esta época, mas para a

próxima, com certeza. Já passou uma fita em Lisboa, e que ainda não se estreou no Porto, em que o Clive Brook tem um dos principais papéis, ao lado de Ann Harding e Conrad Nagel. Chama-se «Saudade» («East Lynne»). As suas fitas mais recentes são «Tarnished Lady», «Lawyer's Secret», «Silence», «24 Hours», «Husband's Holiday» e «Shangai Express».

O REI DA BANDA: — Ora viva, «setu» «Bouboule». 1.^a — Não me consta que a Anny Ondra se tenha divorciado do Carl Lamac. A não ser que se divorciassem e continuassem muito amigos, pois Lamac continua a ser o seu director. 2.^a — Louise Brooks está muito por baixo, na cotação artística. Sim senhor, depois de «O Prémio de Beleza», fez na América «It Pays to Advertise», para a «Paramount», «God's Gift to Women», para a «Warner» e «Public Enemy», para a «RKO»; mas em papéis secundários, pois aquelas fitas tem com primeira actriz, respectivamente, Carole Lombard, Laura La plante e Jean Harlow.

DOIDO POR LOIRAS: — O Director está fazendo o mesmo que Você: ganhando forças para ir ver a Marlene em «Fatalidade». Um remédio para evitar qualquer ataque de nervos, quando as Marlénicas atitudes apparecerem na tela? Olhe, eu não estou certo se o brometo lhe fará bem. Também, meu caro, já me vi nestes assados, quando eu era Laurinhófilo, e fui ver «O Sol da Meia-Noite». Caramba! la vendo mas eram as estrelas!... Agora, o nervoso é quando aparece a Lillian Harvey... Demais a mais, cheguo aqui à redacção, há dias, um retrato em que ela aparece vestida com um negligé (acho que assim que se chama) muito transparente, muito transparente... E' numa cena de «Dois Corações a Compasso». Ai!...

Se Você foi procurar o nosso Director ao escritório, por mais que uma vez e não o encontrou a culpa não é dele. Não é ele que se ausenta quando Você lá vai! Você é que só lá vai quando ele está ausente! Mas não tenha receio, nem se importe com as apresentações. Entre por ali dentro e diga: eu sou o «Doído por Loiras». E se lá estiver a mulher dele não faz mal. Ela é morena!...

EU SEI TUDO.

Um filme sobre a vida de Foch

Acabamos de saber que a casa francesa «Établissements Jacques Haik» vai produzir uma grande fita sobre a vida gloriosa do Marechal Foch.

O embaraço de Nils Aster

Imagem os leitores a atrapalhão de Nils Asther!

Sempre julgou que tinha nascido em Malmo, na Suécia. Sempre viveu em Malmo, sempre indicou Malmo como a terra do seu nascimento. E assim, todas as suas biograffias, os passaportes, as apólices de seguro, etc., indicam que Nils nascera em Malmo.

Ha dias, porem, Nils Asther precisou de renovar a sua licença de residência nos Estados-Unidos, para continuar traba-

lhando para a «Metro-Goldwyn-Mayer», e, ao empregado dos serviços de emigração, indicou novamente Malmö, na Suécia, como a terra da sua naturalidade.

— «Sinto muito», replicou o empregado, «mas aqui nestes documentos que me chegaram às mãos, diz-se que o senhor nasceu em Copenhague, na Dinamarca».

— «Hom'essa», retorquiu Nils Asther! «Tinha graça»!

E pediu uma ligação telefónica para sua mãe.

— «Mãe, diz a este cavalheiro onde é que eu nasci»!

— «Nasceste em Copenhague, meu filho! Então eu nunca cheguei a dizer-te que, quando nos dirigíamos para a nossa casa, em Malmö, tive que interromper a viagem em Copenhague, por causa do teu nascimento?»

Nils Asther desmaiou... e parece que ainda não acordou.

Ouvimos dizer...

que chegou ao Porto, na 4.ª fe'ra da semana passada, tendo regressado no dia seguinte a Lisboa, o realizador Leitão de Barros.

que o Teatro Carlos Alberto continua efectuando as obras impostas pela Inspecção Geral dos Espectáculos.

que o mesmo já tem autorização para poder trabalhar como teatro, circo ou cinema.

que é provável que, no princípio da nova época, funcione como cinema sonoro.

que o «Águia d'Ouro» vai fazer obras tendentes a melhorar a sua sala.

que o «Tivoli», de Lisboa, exhibirá a seguir a «Atlantic» o filme «Luzes de Buenos-Ayres», em espanhol.

que só depois o mesmo cinema estreará «O Tenente Sedutor».

que o «Trindade», a seguir a «Fatalidade», estreará o filme francês «A Amorosa Aventura», com Marie Glory e Albert Préjean, realizado por Wilhelm Thiele.

que estão sendo estudadas as bases dum projecto de lei de protecção à cinematografia nacional.

que não é estranho a esse estudo um elemento preponderante na empresa produtora de filmes, em organização.

que está fixada para a próxima 6.ª fe'ra, 8 de Abril, a estreia, no «Batalha», do filme «O Vingador», da «M-G-M», com John Mack Brown, Wallace Berry e Kay Johnson, realizado por King Vidor.

que o mesmo cinema reexibirá ainda esta época os filmes «O Rei da Graxa» e «O Café do Feltsberto».

que o «Diário de Notícias» pensou, ou pensa ainda, fazer jornais cinematográficos de actualidades, a exemplo do que «O Século» está fazendo.

que o «Olimpia», do Porto, reexibirá o grandioso filme «A Tragédia da Mina».

que o filme «A Amorosa Aventura» vai produzir muitos Marietgloryfilos, a juntar-se aos que já nasceram com «O Senhor Director».

Dentro e Fora dos Estúdios

Edmund Lowe, que durante muitos anos trabalhou para a «Fox», acaba de ser contratado pela «Columbia», para o principal papel da fita que Irving Cummings vai dirigir para aquela casa.

Billie Dove esteve ha dias em Washington, onde conversou com o Presidente Hoover.

Mona Rico, «estrela» *baby*, das «Wampas», de 1932, foi contratada pela «Paramount» para um dos papéis da fita «Thunder Below».

Nils Asther e Louise Closser Hale foram acrescentados ao elenco de «Lety Lynton», que a «M-G-M» está produzindo, com Joan Crawford e Robert Montgomery nos protagonistas, sob a direcção de Clarence Brown.

Ramon Novarro, que é padrinho dum dos filhos do famoso tenor.

Frank Borzage, o famoso director de «A Hora Suprema», logo que termine «Young America», para a «Fox», vai realizar para a mesma casa a fita «Cavalcade», de Noel Coward.

Nova fita de Marlene Dietrich

Marlene Dietrich já começou interpretando nos estúdios da «Paramount» em Hollywood a sua nova fita, sob a direcção de Josef Von Sternberg. Ainda se ignora o título da nova produção.

William Seiter (que, como vocês sabem, é o marido da Laurinha La Plante) vai dirigir para a «RKO» a fita «The Truth About Hollywood» («A Verdade acerca de Hollywood»).

Na quarta-feira, 23 de Março, estreou-se em Nova-York, simultaneamente no «Rialto» e no «Rivoli», a fita «One Our With You», com Chevalier e Jeanette MacDonald.

Fay Wray foi escolhida pela «Warner Brothers» para a protagonista de «Doctor X.», um filme de assunto misterioso que será feito em colorido.

W. S. Van Dyke, o apreciado realizador americano, a quem devemos «Sombras Brancas», «O Pagão», etc., e que ha pouco terminou «Tarzan, the Ape Man», para a «M-G-M», está dirigindo actualmente «Night Court» («Tribunal Nocturno»), para a mesma casa, com Phillips Holmes, Anita Page, Lewis Stone, Jonh Miljan, Jean Hersholt e Walter Huston.

Greta Garbo já começou «As you desire me»

A «M-G-M» já começou a filmagem de «As You Desire Me» («Como tu me desejas»), a nova fita de Greta Garbo, dum obra do mesmo título do escritor italiano Luigi Pirandello.

O filme é dirigido por George Fitzmaurice, que foi o realizador de «Mata Hari», e a acção decorre na Austria e na Italia.

Na primeira personagem masculina figura Melyn Douglas, um novo actor lançado pelo cinema sonoro, que teve recentemente grande éxito em «Tonight or Never» («Esta noite ou nunca») e «Prestige», e a «M G M» pediu à «United Artists».

Erich Von Stroheim e Albert Conti teem tambem importantes papéis na nova película de Greta Garbo.

A casa francesa «Osso» contratou Blanche Montel para a protagonista de «La Bonne Aventure».

Ronald Colman, que regressou de Shangai em meados de Março, tem estado a descansar na sua casa de Beverly Hills, depois do que começará interpretando para Samuel Goldwyn a fita «Os Irmãos Keramazov», de Dostolevsky.

Foi apresentada ha dias, em sessão particular, em Hollywood, a nova fita de Chevalier e Jeanette MacDonald, «Uma Hora Cont'go», que foi muito elogiada. O filme foi dirigido por George Cukor com a supervisão de Ernst Lubitsch, e, como tal devia ser anunciado. Porém, Lubitsch declarou que teve muito mais trabalho com o filme do que George Cukor e exigiu que a «Paramount» eliminasse dos anúncios o nome de Cukor, figurando apenas o de Lubitsch. A «Paramount» atendeu a reclamação de Lubitsch e George Cukor moveu um processo contra esta casa.

O tenor Tito Schippa visitou há dias os estúdios da «M-G-M» em Culver City, onde conversou com Anita Page, que é das relações da família de Schippa e com

AS SEIS MELHORES FITAS DE MARÇO

ANNY NA ALTA RODA
BEN-HUR (Sonoro)
MADAME SATAN
MISTÉRIO DA CASA FORTE, (O)
PRINCESA ENCANTADORA, (A)
TRAGÉDIA DA MINA, (A)

AS SEIS MELHORES INTERPRETAÇÕES

HARRY PIEL em «O Mistério da Casa-Forte».
KATE DE NAGY em «A Princesa Encantadora».
KAY JOHNSON em «Madame Satan».
MAURICET em «Anny na Alta Roda».
RAMON NOVARRO em «Ben-Hur» (Sonoro).
ROGER TRÉVILLE em «Noites de Veneza».



Três cenas distintas de "Fatalidade" ("X-27"), o super-filme que Josef Von Sternberg realizou. Nas duas primeiras, Marlene Dietrich com Gustav von Seyffertitz. Na última, com Warner Oland. "Fatalidade", que se estreará no "Trindade" na próxima terça-feira, inclui no seu elenco, além dos artistas mencionados, Victor MacLaglen, Barry Norton e Lew Cody.

Os grandes papéis de

Marlene Dietrich

Em *vesperas de ser exibido entre nós o grande fonofilme "Fatalidade", que ha tanto tempo esperamos com interesse, achamos oportuno reproduzir aqui um artigo ha pouco publicado no nosso colega "Cinematograph", no qual S. Ch. largamente foca a vida artistica de Marlene Dietrich, a talentosa vedeta desta pelicula:*

Alguns papéis colam-se à pele dum artista e servem-lhe de perpétua etiqueta. O de Lola-Lola de «O Anjo Azul» é um desses. Embora o filme fosse feito para Jannings, a maior glória coube a Marlene, cujo talento e adoráveis pernas se nos revelaram ao mesmo tempo. Ha muitas vezes a tendência de misturar estritamente estes dois elementos do seu êxito. Celebraram-se mesmo essas pernas incomparáveis com um entusiasmo bastante exclusivo. Nós gostamos das pernas de Lola-Lola, mas tambem do seu rosto e principalmente da sua voz...

A imediata consequência desta criação foi a partida de Marlene para Hollywood. Atingia então a hora decisiva da sua carreira e os perigos multiplicaram-se de baixo de seus pés. Disse bem: *os perigos*. Escapou deles graças a essa Providência protectora que guia os passos dos sonâmbulos durante os seus mais arriscados passeios nocturnos. Josef von Sternberg levou Marlene para a América do mesmo modo que Mauritz Stiller para lá tinha levado anos antes, Greta Garbo. Um como o outro adivinharam todos os

recursos ainda não revelados por essas duas mulheres, que êles se propuseram modelar como um escultor modela o gesso...

Marlene chegou, pois, a Hollywood acompanhada, protegida, apresentada por von Sternberg. Deram-lhe no «studio» um camarim muito modesto, com que se contentou, não se atrevendo mesmo a pedir o telefone. As primeiras semanas foram difíceis. Sentia-se só, terrivelmente exilada. Sternberg sobrecarregava-a de trabalhos. Ela fazia esforços desesperados para aperfeiçoar o seu inglês e desembaraçar-se do acento tudesco, tam difícil de perder. A noite, sózinha, preparava algum prato complicado, segundo uma receita alemã, mas que não tinha o gosto de comer... Ou então relia uma carta ida da Europa ou chorava vendo na palma da mão duas pequenas pérolas de marfim: *os dentes de leite de Maria, que ela deixara cair na última semana...*

E assim se realizaram: «Marrocos» e «Fatalidade» («X-27»).

Apresentação... Triunfo! Dum dia para outro, Marlene ficou célebre e lembraram-se de fazer dela uma rival de Garbo. Qualquer outra partiria as pernas. Os fanáticos admiradores da sueca insurgiram-se. Criticavam-na sempre que supunham que ela imitava, no seu trabalho ou na sua vida privada, os gestos, as atitudes e os hábitos de Greta. A imprensa apoiou-se do conflito. Publicavam lado a lado as fotografias de ambas, pedindo ao público que julgasse. Só as duas rivais se desinteressavam desses torneios. Não se odiavam. Porque nem uma nem outra,

no fundo do seu coração, se preocupava com ficar vitoriosa.

Entretanto, os filmes de Marlene dão receita. E o seu prestigio aumenta. E' convidada para as reuniões elegantes de todo-Hollywood.

Quem a havia de acompanhar a não ser o seu amigo, o seu compatriota e o seu director, Sternberg? E Marlene afronta o segundo perigo: o ciúme de Madame Marlene. Mas «Fatalidade» («X-27») é apresentado em Hollywood e em Nova-York sob

ridículo. A vingativa esposa, que tem os seus partidários, não deixa nenhuma ocasião de ferir Marlene. Madame Sternberg extasia-se diante do talento de

Marjorie Rambeau, a transfuga do teatro nova-yorquino: «Só estes artistas de teatro sabem desempenhar», diz ela a quem a quer ouvir. «Ao passo que as mulheres, em Hollywood, apenas sabem mostrar as pernas». Mas «Fatalidade» («X-27») é apresentado em Hollywood e em Nova-York sob

o título «Deshonrada», e, a despeito de Madame Sternberg, constitui para Marlene um brilhante triunfo. Aquele papel de espiã amorosa, o talento de Victor MacLaglen, seu parceiro, o domínio de Sternberg, tudo concorre para auxiliar Marlene a ultrapassar-se a si-mesma. Mas, ao passo que os jornais multiplicam os artigos e os elogios, o público classifica definitivamente entre os seus ídolos e a direcção do «Stúdio» lhe manda preparar um camarim de grande luxo, ultra-moderno e confortável, como convem a uma estrela de primeira grandeza, Marlene vem à Europa, volta a encontrar a sua cidade, a sua casa e principalmente a sua filhinha, essa Maria cuja recordação a obsidiava em Hollywood, e que, em oito meses de ausência, cresceu e perdeu todos os dentes de leite. Agora Marlene voltou para Hollywood. E vive ali feliz, porque levou com ela a filha, que o belo sol californiano doura.

Realizou «Shanghai Express», que deve ser um novo êxito. Criou amigos, Ruth Chatterton, e principalmente Maurice Chevalier e sua mulher, cuja casa frequentava muito. A todos os jornalistas que a entrevistam declara: «Josef von Sternberg é um génio. Gosto de meu marido e de minha filhinha.»

Que zombem, se quiserem, desse estribilho sempiterno, que fica mal, parece, à bela e ardente criatura que outrora cantava que ela era, «dos pés à cabeça, feita para o amor».

E' nisso que eu vejo Marlene toda e o segredo do seu êxito: tem confiança naquêle que a guia e que, até o presente, lhe não fez dar nenhum passo em

falso... E, depois de desempenhar o seu papel, torna-se o que ela é na verdade: uma mulher alemã, simples, corajosa e sincera, que sabe fazer as *pfannkuchen* à moda alemã, que usa na cidade *tailleurs* de quadradinhos e feltros esverdeados, que, por duas vezes, soube mostrar-se não só melhor mãe do que esposa, mas ainda melhor mãe do que vedeta (a primeira, na Alemanha, quando abandonou o écran na aurora da sua carreira, para dar à luz, amamentar e criar a sua filhinha; a segunda quando em Hollywood desprezou os conselhos dos peritos em publicidade, renunciou ao papel de serena e de *vamp* que lhe queriam fazer desempenhar na vida privada e revelou a existência dessa filha); uma mulher emfim, que, desdenhosa das declarações sensacionais ou dos pequenos escândalos com que tantas vedetas alcançam nomeada responde com simplicidade quando a interrogam: «Gosto de meu marido e de minha filhinha.»

Nesta semana fazem anos:

De 2 a 8 de Abril

- Abri! 2 — Jack Buchanan.
- 3 — George Alexander.
- 4 — Kate de Nagy.
- 5 — Estelle Bradley.
- 6 — Nancy Drexel (22).
- 7 — Gavin Gordon (31).
- 7 — Willy Forst.
- 8 — Mary Pickford (39).
- 8 — Victor Schestzinger, (realiz.).
- 8 — Yola d'Avril.



Barry Norton e Marlene Dietrich em "Fatalidade" ("X-27")



A alegria

El-Rei Charlot e a

Leitão de Barros, que já é apontado como o Messias da cinematografia nacional, está a tratar da formação de uma poderosa empresa editora de fonofilmes em português... É uma notícia que já anda de boca em boca, numa teoria de bisbilhote mal contida, — e que veio alegrar todos aqueles que se julgam foto e fonogénicos...

Quanta costureirinha gentil não pensa agora tornar-se uma vampe de nome, quanto estudantinho brêgeiro não pensa ser galã, um segundo Rodolfo Valentino!...

Quantas ambições não refreiam os Henry Garat e as Marlene Dietrich que passeiam o seu neurasténico «spleen» por essas ruas do Porto, — a cidade cinzenta!...

Ao lado desta legião dos que querem encarnar no «écran» os heróis sentimentais e amorudos, ha um grupo, uma outra legião mais modesta, mais sincera: é formada por alguns desherdados da sorte que para enganarem a fome de ventura apenas desejariam fazer no quadro branco «o que é próprio do homem»: no dizer de certo filósofo: o riso!

Os grandes estúdios estrangeiros tem contratado muitos cómicos e fantasistas que conseguem fazer sorrir as multidões, — que permitem a utilização destes três objectivos: alegres, agradáveis, divertidos... Mas podem-se contar os verdadeiros cómicos, — os que devasando com cuidado a mecânica descobriram certa minúscula mola... cuja compressão provoca a verdadeira hilaridade...

Falando-se dos cómicos do cinema, — logo um nome nos assalta a mente: Charlie Chaplin... É verdade que pelas suas qualidades tam especiais e vigorosas e pelos seus dons tam dramáticos como cómicos, Charlot se situou rapidamente fóra das normas usadas no cinema, confiando-se além disso a um esplêndido isolamento, que lhe permite ser admirado e quasi temido... As suas opiniões valem, são acatadas... El-Rei Charlot, o Primeiro, — o Unico!... Artista completo, a obra de Chaplin são algumas dezenas de quilómetros de celuloide onde está escrita numa linguagem maravilhosamente universal toda a história triste e alegre, rápida e lenta, orgulhosa e simples da humanidade sofredora...

A côrte de cómicos de El-Rei Charlot é numerosa e selecta... Depois de Chaplin, e ao lado de Pamplinas, podemos colocar Harold Lloyd, — cujo nome ainda hoje é uma «box office attraction»... É um prisioneiro do «gag», da graça bem achada, — das parças gagas... —, e vítima sempre feliz das mais extraordinárias aventuras e situações...

Harry Langdon é um pequeno homem de olhos sonhadores e sorriso tímido, que foi descoberto por Mack Sennett. Simboliza o verdadeiro triunfo da personalidade e, gentil Pierrot de merencória figura, percorre distraído o caminho agri-dôce da vida...

Pat e Patachon, os cómicos suecos, irmãos siameses na arte do riso

Ha muitas mamãs, na América, que dizem aos filhos: «Se não te portas bem, vou chamar o Wallace Beery!» E os meninos ficam logo muito quietinhos, com medo do papão. De facto, Wallace Beery tem uma cara de metêr medo, mas tambem tem interpretado muitas fitas cómicas.

Lembram-se da parelha Wallace Beery-Raymond Hatton? A seguir, vemos dois dos mludos da «Our Gang», que em português traduziram por «A Pandilha». Em baixo, Harry Langdon, que ultimamente tem aparecido em algumas fitas da «M-G-M»



CHARLIE CHAPLIN (Charlot), o Maior de Todos

do «écran» sua côrte de cómicos

são duas figuras simpáticas que todos nós apreciamos... É o «par» cómico mais homogéneo e talvez mais perfeito... D. Quichote e Sancho Pança na eterna luta contra os moinhos, — contra as contrariedades da vida... Tal qual como Lau-el e Hardy, que substituíram no apreço do público a ausência de Pat e Patachon...

Monty Banks, o cómico «made in England», ainda fez rir as plateias de certos cinemas populares...

Wallace Beery tambem já representou papéis cómicos ao lado de Raymond Hatton... Mas nós preferimos vê-lo nos papéis trágicos...

Armand Bernard, o excelente cómico e fantasista francês, cujas maravilhosas criações em «O Cruzeiro do Amcr», «O Sr. Director» e «O Congresso que Dança» são difíceis se não impossíveis de suplantar...

Georges Milton, outro francês cheio de entusiasmo, de graça comunicativa, que largamente expandiu em «O Rei dos Borlistas» e «O Rei da Graça»...



GEORGES MILTON, que conquistou as simpatias de todo o público com a sua interpretação em «O Rei dos Borlistas», é, tambem, um dos bons artistas cómicos europeus

Não esqueçamos as «cómicas»... Um grande nome que subsiste, que brilha com intenso fulgor, — um nome que nos fala de Portugal... Louise Fazenda, que tem antepassados portugueses, tem sangue português a correr nas suas veias...

E as crianças!... A alegre e turbulenta troupe «Our Gang», a «Pandilha»... Desenvoltas e brincalhonas, ótimistas e engraçadas, tambem são a alegria do «écran»... Já sabem fazer rir...

... Eis terminada esta pequena revista de riso cinematográfico. É El-Rei Charlot com a sua côrte de cómicos ambulantes!...

J. S.

Joan Bennett casou

Joan Bennett, irmã de Constance Bennett, casou no dia 16 de Março, em Los Angeles, com Gene Markey.

Versão falada de «O Preço da Glória»

A «Fox» decidiu fazer um fonofilme de «O Preço da Glória», um dos seus grandes filmes silenciosos, interpretado por Dolores Del Rio, Victor MacLaglen e Edmund Lowe, que Raoul Walsh dirigiu.

A nova versão falada será dirigida por William K. Howard, com Spencer Tracy e Ralph Bellamy nos papéis que MacLaglen e Lowe interpretaram, faltando apenas escolher a actriz que fará o papel de «Charmaine», que Dolores Del Rio interpretou na versão muda.

Harold Lloyd tem sido (e continuará sendo, por quanto tempo?) um dos maiores cómicos do cinema. Louise Fazenda, que tem uma costelinha portuguesa (e les portugais sont toujours gais, dizem os franceses), tem sido sempre cómica através das suas interpretações, que veem desde os velhos tempos das comédias de «Mack Sennett». A gravura de baixo mostra-nos Armand Bernard, hoje talvez o maior cómico do cinema europeu. Armand Bernard, diz a fotografia. Mas creio bem que se trata dum retrato de Afonso XIII, em tempos que já lá vão...



Esta vida do cinema...

Uma página sobre a "outra vida" das grandes "estrêlas"

A dar crédito às maravilhosas notícias que a engenhosa publicidade dos estúdios espalha pelos jornais e revistas da especialidade, no mundo do cinema só ha alegrias, presentes, festas e recepções faustosas...

Mas a realidade, como em toda a parte e como sempre, é menos sedutora... Muitas vezes, — vamos a escrever quasi sempre... —, mesmo para os grandes nomes do firmamento cinematográfico, a vida é aborrecidissima e cheia de contrariedades...

Que não desanimem com este artigo os que querem entrar para o cinema, — os que sentem a hipnose de Hollywood!... Sorriam e encolham os ombros com indiferença... No cinema todos são um pouco herois e um pouco mártires... As vampes, os realizadores, os figurantes... E toda a gente adora o seu oficio nas maguas como na glória...

* * *

Uma «estrêla» de primeira grandeza tem duas almas, duas vidas sentimentais diferentes, — anverso e reverso... Uma vida de conto de fadas, plena vida vulgar, apagada, — como a de qualquer uma de nós...

Os encarregados da publicidade dos estúdios chamam-lhe a rainha do «sex-appeal», a deusa de Hollywood, a glória universal do cinema... Quando passa pelas ruas no seu «Rolls-Royce» especial, pouco falta para que o Zé Povo se joelhe devotamente... No «Embassador's», quando da estreia da sua última produção, os olhos não veem a tela, — para a verem a ela...

O seu palacete em Beverly-Hills é pequeno para os presentes, pera as ofertas das individualidades mais marcantes da colônia cinematográfica...

Casou-se pela quinta ou oitava vez?... Nasceu-lhe um menino lindo como os amores?... Logo os jornais noticiam que recebeu telegramas, cabogramas e

felicitações de todo o mundo... Mussoline escreveu uma carta... O príncipe Frederico da Prússia mandou um cartão... O soba dos antropógos queria ver o miúdo... Etc., etc...

O que mais comoveu a querida «star» no dia do seu aniversário natalício?... Uma homenagem muito simples mas muito significativa: a oferta de um ramo de violetas pelos varredores do estúdio... Comoção, lágrimas bem sentidas...

E' esta a vida n.º 1, — de uniforme de gala... A vida para a galeria, para os «faus», para os cinéfilos...

A sua vida íntima, a vida n.º 2, — que pouca gente consegue descobrir... —, fica escondida entre as quatro paredes dum quarto de hotel ou de uma modesta casinha nos arredores de Hollywood...

Em sua casa, a grande «star» volta às proporções normais... Já não representa o papel de grande dama, para representar por vezes um grande drama...

Onde está a sua felicidade conjugal?...

Queixa-se amarguradamente... «Isto vai mal!... Hoje, no estúdio, só tinha três corbeilles de flores no camarim... O ano passado, por esta altura, ofereciam-me doze!... A minha fama baixa!... Depois este maldito contrato!... Nem posso pagar as prestações em dívida do automóvel... E não arranjo outro contrato... Eu, com o meu talento, a desempenhar papéis secundários... Que maldita vida!...»

Torna-se rabujenta e intolerável... Experimenta os casamentos como quem joga nas loterias... O bilhete sai-lhe quasi sempre branco...

* * *

Que não desanimem as raparigas portuguesas!... Que encolham os ombros ao lerem este artigo!... Ir para Hollywood é um grande sonho, — um lindo sonho!...

MARIA EDUARDA.

Perfis

Brigitte Helm

E' já um lugar-comum dizer que «as vedetas são criadas pelos realizadores». Todavia é necessário não acreditar nestas generalizações absorventes, porque, como certas máximas, tem o defeito de se poderem ler ao contrário. Por isso também podemos dizer que «os realizadores são criados pelas vedetas»...

Existem entre as heroínas que o cinema oferece à nossa admiração por vezes apaixonada três artistas máximas: Greta Garbo, Marlene Dietrich e Brigitte Helm...

São três mulheres espantosas. Instintivas e frias, voluptuosas e perversas, artistas e crianças, — mas não são belas... Perto delas, um homem não poderá deixar de misturar o desejo com o receio... E os «metteurs en scène», que também são homens, devem dirigi-las, comandar a sua ansia criadora, a sua angústia do belo...

Um filme com Brigitte Helm vale só pela sua interpretação maravilhosa, — O realizador é pouco conhecido?... Não faz mal!... O seu gosto é pouco apurado?... Brigitte é uma artista excepcional, e está dito tudo!...

Como esquecer «Metropolis», esse monumento grandioso da cultura germânica?... Como esquecer «A Piedosa Mentira de Nina Petrovna», onde o jogo dos sentimentos se repete tam brutalmente na sua máscara expressiva?...

Vendo o trabalho de Brigitte Helm, os «metteurs en scène» disseram com os seus botões: «E' lá possível!... Uma mulher esquelética, com a expressão refugiada nos olhos é lá capaz de fazer esquecer todos os males do mundo nos quartos negros que são as salas cinematográficas?!...»

Greta Garbo e Marlene Dietrich, se é certo que possuem uma forte individualidade, também plagiaram Brigitte...

Brigitte está hoje um pouco esquecida... O seu último filme foi mediocre... Defeito do realizador?... Defeito de Brigitte?... Deficiências de ambos, certamente... Porque, para uma Greta Garbo, uma Marlene ou uma Brigitte, mulheres de génio excepcional, o melhor «metteur en scène» é sem dúvida o seu marido, — ou talvez melhor ainda o seu amante...

C. A.

Efemérides da semana

De 2 a 8 de Abril

- Abril 2 (1920) — A atriz americana Madge Kennedy aparece pela primeira vez em Portugal, interpretando o filme «Quasi Casados», estreado no «Condes», de Lisboa.
- 3 (1919) — No «Palácio de Cristal», do Porto, estreia-se o filme «Mulher Abandonada», com Hesperia e Tullio Carminatti.
- 5 (1930) — Inaugura-se em Portugal o cinema sonoro, estreado-se no cinema «Royal», de Lisboa, a fita «Sombras Brancas nos Mares do Sul».
- 6 (1910) — Nasce em New York a atriz Nancy Drexel.
- 7 (1919) — Estreia-se no «Olimpia», de Lisboa, um documentário sobre a Monarquia do Norte.
- 8 (1908) — E' inaugurado em Lisboa o «Salão Central», de Raul Lopes Freire.



Chamam «vampe» a Brigitte Helm. Eu chamo-lhe uma das maiores atrizes europeias. Tu também nunca mais esquecêste, pois não, leitor, a sua «Maria» de «Metropolis»? Brigitte Helm é a «Antinéa» de «Atlantida», que Pabst está terminando para a «Nero»

Os nossos brindes

Está ainda em distribuição para os portadores das senhas 8 e 9 o livro

Mulher que Passa...

devendo ser requisitado em Porto e Lisboa até ao dia

11 do corrente,

data em que será suspensa a sua entrega.

O Amor Vence,

segunda obra da "Coleção de Sempre", destinada aos possuidores dos N.ºs 10, 11, 12 e 13, encontra-se no prelo, em via de conclusão.

As casas encarregadas da distribuição conforme já temos dito, são as seguintes:

PORTO...

Papelaria A. J. de Almeida — P. Guilherme Gomes Fernandes, 60.

Papelaria da Moda, (Almeida & Filhos) — Rua de Santa Catarina, 280.

Tabacaria Central da Trindade — Travessa da Trindade, (no Edifício do Salão Jardim da Trindade).

LISBOA...

Agência Internacional de Livraria e Publicações, Lda. — R. do Crucifixo, 31-2.º

Provincia, Ilhas e Ultramar... todas as Agências de venda de "Cinema".

IMPORTANTE

Aos leitores do Porto

A partir do presente, ficam banidas as senhas nos numeros destinados à venda nesta cidade, por se ter reconhecido que a sua colocação, trabalho extremamente moroso, seria um eterno contatempo a impedir a saída de "Cinema" com a necessaria regularidade.

Mas nem por isso os leitores ficarão prejudicados, sendo-lhes facultada a aquisição das obras da "Coleção de Sempre" mediante a simples apresentação dos numeros nos estabelecimentos já citados.

Pelos nossos Cinemas

ANNY NA ALTA RODA (La Chauve-Souris): — Não me parece que Karl Lamac tenha feito muito bem enveredando pela opereta, nas recentes produções de Anny Ondra, pela opereta onde não existe, verdadeiramente, uma figura destacadamente principal, se é que elle quer continuar salientando o trabalho de sua esposa, se elle quer que o público continue adorando Anny Ondra, se elle quer, emfim, prosseguir no culto do vedetismo, um maisinho que prejudica a essência cinegráfrica dum trabalho filmico, mas que tem sido e continuará sendo necessário para manter na generalidade do público o fogo sagrado do entusiasmo pelo cinema. Dura verdade — mas verdade.

Como «Anny Ondra e os Carteiros», «Anny na Alta Roda» não é, propriamente, um filme de Anny Ondra. Naquelle, o trabalho de Vlasta Burian eclipsava o de Anny; neste, Anny Ondra, demais a mais prejudicada pelo facto de o filme ser falado em francês, língua que ella demonstrou quasi ignorar, diz uma duzia de palavras a medo, numa pronun-

cadoras das situações complicadas da peça, que fazem rir com vontade, sobretudo na segunda metade do filme.

«Anny na Alta Roda» não é, como seria licito esperar de Karl Lamac, uma obra de certa imaginação e qualidades filmicas. E' uma produção luxuosa, rica e divertida. E já não é pouco.

Autores: Meilhac e Halévy. Fotógrafo: Otto Heller. Autor musical: Johann Strauss. Director de som: Robert Tisseire. Decoradores: Aguetand e Fenchel. Adaptação musical de Michaelle Vine. Realizador: Karl Lamac com a colaboração de Pierre Billon nesta versão francesa. Interpretes: Arlette, Anny Ondra; *Carolina Gaillardin*, Marcelle Denya; *Isidoro Gaillardin*, Mauricet; *Duparquet*, Robert Pizani; *Tourillon*, Marcel Carpentier; *Principe Orlofsky*, Ivan Petrovitch; *Alfredo*, Geo Bury; *Leopoldo*, Rognoni; *O Juiz*, Charles Lorrin; *O Ministro*, Lucien Lagrange.

Produzida em 1931/2 pela «Vandor-Film». Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «Águia d'Ouro» em 28 Março 1932.

A PRINCESA ENCANTADORA (Ronny): — A casa alemã «Ufa» continua a ser a melhor produtora de filmes em

francês. Continua pondo em cheque as marcas francesas, que não atam nem desatam, que não teem sabido aproveitar-se da vantagem que lhes dá o fonocinema, e só de longe a longe nos apresentam algum trabalho apreciável. Atóra essas excepções, deixam que o René Clair produza para a casa «Tobis», chamam o W. I. Thiele para fazer «O Senhor Director» e «A Amorosa Aventura», consentem que o Jean Murat, o Garat e muitos outros vão dar o seu concurso às obras feitas na Alemanha, a juntar-se aos estrangeiros, às Lilians Harveys e às Kates de Nagys,

que sabem um bocado de francês e substituem, portanto, nos filmes nesta lingua, os artistas de França que poderiam interpretá-los.

E enquanto a França continua impassível, a «Ufa», muito inteligentemente, segue conquistando o mercado francês e os dos países onde os filmes em lingua francesa são bem acolhidos.

Agora, mandou-nos a «Princesa Encantadora», um novo filme-opereta da série magnifica de «O Caminho do Paraíso», «A's Ordens de Vossa Alteza» e «O Congresso que Dança». Não estabeleço comparações. «A Princesa Encantadora» é, porém, a que está produzida com maior dose de fantasia, é, de entre aqueles filmes, o que melhor segue, de principio a fim, uma linha regular dentro do estabelecido propósito de ridicularizar, utilizando equilibradamente todas as liberdades permitidas em tal género de películas.

Reinhold Schuenzel (que elle me desculpe, mas eu nunca esperei que Schuenzel tivesse envergadura para um tal filme!) demonstrou em «A Princesa Encantadora» qualidades apreciáveis de observador profundo, de crítico, de crítico



cia aliás engraçadissima, faz uns tantos gestos daqueles já muito conhecidos, mas que, pelo seu caracter burlesco, sempre provocam o riso da plateia, e pouco mais. Anny Ondra de «Anny na Alta Roda» está muito longe da fantasista admirável de «Anny Faz Tudo» ou da azougada comediante de «Mam'zelle Nitouche». E depois, Karl Lamac, seguindo à risca, de-certo, (que eu desconheço «La Chauve-Souris» dos autores da «Frou-Frou») a peça teatral, muito teatralmente a conduziu através de muitos pormenores e, principalmente, do diálogo e da obtenção das imagens, sem utilizar as possibilidades da camera ao serviço da intelligência directiva — elle que tam bem a movimentou em «Mam'zelle Nitouche»!

Pelos outros elementos, porém, o filme valoriza-se. E à riqueza de certas decorações — aquele salão de baile do Principe Orlofsky é de extraordinária sumptuosidade — alia-se o luxo do guarda-roupa e, como elemento de grande valor em todo o filme, a restante interpretação, onde se destacam Mauricet, Robert Pizani e Marcel Carpentier, que tomam para si as figuras mais salientes, provo-

mórdaz, satírico. Porque todo o filme é uma charge à vida de certos Estados coroados, com as suas ridículas exigências protocolares, com os seus negócios escuros à sombra do Estado, etc., de que Reinhold Schuenzel tirou os mais maravilhosos efeitos, encaixilhando-os em quadros luxuosíssimos, da mais extraordinária imaginação, de estátuas vivas e esculturais *girls*, de conjuntos encantadores, de marcações curiosas e divertidas, tudo cheio de vivacidade, espargindo alegria, trasbordando bem-estar, a que a deliciosa música de Emmerich Kalman empresta valiosa colaboração, tudo numa continuidade magnífica, a que os *travelings* como as fusões de sons em imagens diversas dão excelente movimentação, tirando ao filme tudo quanto pudesse lesar o andamento, o equilíbrio visual de toda a obra.

A prejudicar, ligeiramente embora, «A Princesa Encantadora», apenas a figura do galã Marc Dantzer, que não está à altura da primeira personagem masculina, nem ao nível da excelente artista que é Kate de Nagy, actriz consumada,



disease de grande apreço, e de todos os restantes elementos da interpretação: Lucien Baroux, Guy Sloux, Lucien Callamand e Monique Gasty, que são todos bons, que dão a sua apreciável quota parte para o êxito da linda cine-opereta que é «A Princesa Encantadora».

Autores: E. Pressburger e Reinhold Schuenzel. Fotografia: F. A. Wagner. Vestuários e decorações de Benno V. Arent e Werner Schlichting. Autor das canções: Jean Boyer. Autor musical: Emmerich Kalman. Director de som: Hermann Fritzsching. Realizador: Reinhold Schuenzel, com a colaboração de Raoul Ploquin nesta versão francesa. Intérpretes: *Ronny*, Kate de Nagy; *O príncipe de Perusa*, Marc Dantzer; *O Intendente do teatro*, Lucien Baroux; *Bomboni*, Guy Sloux; *Lisa*, Monique Gasty; *Antoine*, Lucien Callamand; *Ministro da Guerra*, Gustave Huberbeau; *Ministro da Corte*, George Deneubourg; *Ministro d'Estado*, Charles Falot; *Mordomo*, Fernand Frey.

Produzida em 1931 pela «Ufa». Programa Agencia Cinematográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «Trindade» em 29 Março 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Ralp Graves tem um dos principais papéis ao lado de Ramon Novarro no filme «Huddle», da «M.G.M.». Madge Evans, Marta Sleeper e Uia Merkel tem as figuras femininas da nova fita de Novarro.

A esposa do célebre violinista Jascha Heifetz, aliás, Florence Vidor, esteve de visita em Hollywood, em meados de Março.

A «Fox» firmou um contrato de longa duração com Marion Nixon.

Incontestavelmente o
melhor receptor é o
M E N D E

Sonora—Radio

Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

BATALHA
(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

..

EM PLENO SUCESSO

a extraordinária super-produção policial

MATOU!

Obra-prima do grande realizador

FRITZ LANG

Um assassino de crianças julgado num
tribunal de ladrões

PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 11

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA,,

Desconto de 40 % no «Trindade» e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE—Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 7 e 9 de Abril

OLYMPIA—Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 7 e 9 de Abril

BATALHA—Matinée de Quinta-feira, 7 de Abril

CINE-ODEON—Soirée de Sábado, 9 de Abril

Castelo Lopes, L.^{da}

*a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,*

apresenta na terça-feira, 12 de Abril, no "Trindade"

A Amorosa Aventura

(L'AMOUREUSE AVENTURE)

Super-produção falada e cantada em francês, com

Marie Glory

a mais linda actriz do cinema francês e

Albert Tréjean

um dos melhores e mais populares actores

DIRECÇÃO DE

WILHELM THIELE

o famoso realizador de "O CAMINHO DO
PARAISO" e "O SENHOR DIRECTOR"